

# INTERAÇÃO/INTEGRAÇÃO LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA

*Lucas Santos Campos*  
Professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)  
E-mail: lusanpos@gmail.com

**Palavras-chave:** Letramento. LIBRAS. Língua Portuguesa. Integração.

## **Uma Consideração Inicial**

Este embrião de estudo, desenvolvido em parceria com Sandra Aparecida Farias, foi inscrito no V ANPUH–BA apenas no meu nome, porque tomamos conhecimento da realização desse evento às vésperas do encerramento das inscrições.

O trabalho gira em torno da tentativa de levantarmos possibilidades de interação/integração entre a LIBRAS e a língua portuguesa.

## **A Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS**

As línguas de sinais são sistemas linguísticos empregados, principalmente por pessoas surdas como meio de comunicação. Em consonância com Quadros (1997) podemos defini-las como línguas que não derivaram das línguas orais visto que fluíram de uma necessidade natural de comunicação entre pessoas que não utilizam o canal auditivo-oral, mas o canal espaço-visual como modalidade linguística. Dentre essas línguas encontra-se a LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais, reconhecida como meio legal de comunicação e expressão dos surdos no Brasil.

Esse sistema de comunicação baseou-se primeiramente na Língua de Sinais Francesa, que passou a ser divulgada a partir da segunda metade do século XVIII, quando em 1755 Charles Michel de L'Epeé (1712-1789) fundou, com recursos próprios, a primeira escola para surdos, em Paris. Ignorando a obra de alguns de seus antecessores, que propunham a comunicação dos surdos a partir da aquisição da fala, L'Epeé focalizou seus estudos em um método diferente, baseado no emprego de senhas, pois acreditava que as pessoas com deficiência auditiva pudessem expressar e compreender idéias por meio de sinais e não apenas do som.

A LIBRAS foi trazida para o Brasil pelo professor Ernest Huet<sup>1</sup>, que fundou, no Rio de Janeiro, o Instituto Imperial dos Surdos-Mudos, hoje denominado Instituto Nacional de Educação de Surdo – INES. Essa língua foi desvalorizada por muito tempo, devido à intolerância comum para com as minorias, acrescida da insistência de pais e professores de surdos em ensiná-los a falar. Com o tempo, porém, as pessoas foram reconhecendo a eficiência da LIBRAS. Assim, esse sistema de comunicação foi conquistando a importância que merece, de modo que, a partir de 24 de abril de 2002, por força da Lei Federal nº 10.436, foi reconhecido como meio legal de comunicação e expressão das comunidades surdas do Brasil:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados (BRASIL, Lei Federal nº 10.436, 24 abr. 2002).

Mais tarde, essa lei foi regulamentada pelo Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005 que trata da inclusão de Libras como disciplina curricular:

A LIBRAS deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos curso de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios (BRASIL, Decreto nº 5.626, Art. 3º, 22 dez. 2005).

Vale ressaltar que o § 1º, desse mesmo artigo, estabelece que todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, são considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério.

O Art. 9º, do Cap. III, desse dispositivo legal, especifica os prazos e percentuais mínimos para a inclusão de Libras como disciplina curricular e em seu parágrafo único diz: “O processo de inclusão de LIBRAS como disciplina curricular deve iniciar-se nos cursos de Educação Especial, Fonoaudiologia, Pedagogia e Letras, ampliando-se progressivamente para as demais licenciaturas” (BRASIL, Decreto nº 5.626, Art. 9º, 22 dez. 2005).

Além disso, a alínea “d” do inciso III, do § 1º do Art. 14, estabelece a necessidade de as escolas serem providas com “professor regente de classe com conhecimento acerca da singularidade linguística manifestada pelos alunos surdos” (BRASIL, Decreto nº 5.626, Art. 14, inciso III, 22 dez. 2005). O inciso V desse mesmo Art. estabelece que as instituições de

---

<sup>1</sup> Ernest Huet era surdo.

ensino devem: “apoiar, na comunidade escolar, o uso e a difusão de LIBRAS entre professores, alunos, funcionários, direção da escola e familiares, inclusive por meio da ofertas de cursos” (BRASIL, Decreto nº 5.626, Art. 14, inciso V, 22 dez. 2005).

Ao analisar essas demandas, perscrutamos a necessidade e a urgência de uma integração em mão dupla. Assim, pretendemos estabelecer um elo entre essas duas formas de comunicação e apontar pistas para o avanço de uma interação entre as duas línguas, assinalando traços estruturais que possam favorecer - da parte do ouvinte, o aprendizado da LIBRAS, da parte do surdo, a aquisição da escrita em português, uma vez que o ouvinte poderá, dominando a língua dos surdos, melhor ensiná-lo a modalidade escrita da língua portuguesa e o surdo, dominando a escrita em língua portuguesa, terá uma maior facilidade de ensinar a LIBRAS ao ouvinte.

Vale ressaltar que o surdo enfrenta muita dificuldade para se comunicar por escrito em língua portuguesa, assim como entender as mensagens grafadas, visto que – em libras não há um sistema próprio de comunicação escrita. Quando, então, o surdo necessita se comunicar pelo sistema escrito da língua portuguesa ele enfrenta um grande desafio, principalmente em função da impossibilidade de relacionar som com grafema.

Nossa proposta passa pelo reconhecimento da cultura do surdo e pela via da reorganização do poder na sociedade, uma vez que:

- (i) em um primeiro momento, o domínio da LIBRAS por parte do graduando em letras, dos professores de língua portuguesa e demais profissionais da área da educação, irá torná-los elementos multiplicadores, na medida em que poderão promover a difusão desse sistema entre alunos ouvintes e a comunidade em geral;
- (ii) em um segundo momento, estando a LIBRAS amplamente difundida, poderemos contar com uma sociedade dotada de maior capacidade de integração visto que as possibilidades de comunicação entre surdos e ouvintes estarão mais efetivadas;
- (iii) essa mesma tendência vai possibilitar ao surdo uma melhor compreensão da sociedade em que ele está inserido; uma maior possibilidade de ocupar cargos/postos de trabalho nas mais diversas áreas produtivas, visto que ele contará com o domínio do sistema escrito da língua portuguesa e com um maior número de pessoas ouvintes que dominam a LIBRAS.

Entendemos que isso se traduz como inclusão social.

## **Breve Indicativo do Referencial Teórico**

Algumas pesquisas contribuíram para que a língua brasileira de sinais realmente ocupasse o status de língua, comprovando que a mesma possui todos os componentes pertinentes às línguas orais. As línguas são denominadas oral-auditivas quando a audição é a forma de recepção não grafada e a oralização a forma de reprodução, já nas línguas espaço-visuais a recepção é visual e a reprodução se dar por meio de sinais manuais e expressões gestuais.

As línguas de sinais são sistemas lingüísticos que passaram de geração em geração de pessoas surdas. São línguas que não derivaram das línguas orais, mas fluíram de uma necessidade natural de comunicação entre pessoas que não utilizam o canal auditivo-oral, mas o canal espaço-visual como modalidade linguística (QUADROS, 1997, p. 12).

A pessoa usa sinais para definir elementos no espaço ao redor de seu corpo. Seus movimentos nesse espaço e suas expressões faciais seguem as regras gramaticais da língua de sinais. Para ilustrar: uma pergunta feita com as sobrancelhas levantadas pode indicar tanto uma pergunta retórica como uma que exija sim ou não como resposta. As sobrancelhas abaixadas podem indicar perguntas, tais como: quem? O quê? Onde? Quando? Por quê? ou Como? Certos movimentos da boca podem sugerir o tamanho de um objeto ou a intensidade de uma ação. O modo como um surdo movimenta a cabeça, ergue os ombros, contrai as bochechas e pisca os olhos acrescenta sentido à idéia que se quer transmitir. Sendo assim, como sugere Brito (1995), esses movimentos devem ser analisados como parte do que é central à gramática de uma língua e não apenas enquanto fator periférico.

Analisando recursos expressivos das línguas de sinais, Quadros (1995) ressalta que os sinais, em si mesmos, normalmente não expressam o significado completo do discurso. Este significado é determinado por aspectos que envolvem a interação dos elementos expressivos da linguagem. E, acrescentando, Rabelo (2001), afirma que o sentido das palavras não está, primordialmente, na sua forma; elas o adquirem no uso funcional e significativo que delas fazem cada interlocutor nas mais diversas situações comunicativas.

As línguas de sinais não são universais, diferenciando-se em vários países, com gramáticas próprias e regras específicas. Além disso, os surdos têm diferentes “sotaques” de uma região para outra, são o que podemos chamar de variações linguísticas, que se refere à realidade linguística de uma comunidade, considerada em função de um conjunto de variáveis inerentes ao fenômeno sociocultural (SALLES et al., 2004).

No que se refere à gramática de Libras, é constituída de itens lexicais que se estruturam a partir de mecanismos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos que apresentam especificidades, mas seguem também princípios básicos gerais. É dotada também de princípios pragmáticos que regem o uso adequado das estruturas linguísticas da Libras, ou seja, permitem aos seus usuários usar estruturas nos diferentes contextos que se lhes apresentam de forma a corresponder às diversas funções linguísticas.

Quanto à fonologia em Libras quando de fala em “fonema”, refere-se a unidades espaciais como a configuração das mãos, o ponto de articulação, movimento-orientação e expressão facial. Por exemplo, sinais como DESCULPAR e EVITAR são realizados com a mesma configuração das mãos – mão em Y – o que diferencia um do outro é o ponto de articulação, pois DESCULPAR se realiza no queixo, enquanto que EVITAR na lateral da testa. Um outro exemplo é IR e VIR, tendo a mesma configuração, o que muda é a orientação, IR movimento para frente e VIR movimento em direção do emissor. Para analisarmos o movimento do sinal precisamos de um objeto, neste caso a mão do enunciador e de um espaço, que envolve a área em torno do corpo do mesmo.

Quanto à transcrição, por não se ter um sistema de escrita largamente adotado, a Libras tem sido transcrita usando palavras em português. Geralmente, para designar um sinal a palavra é escrita em letras maiúsculas.

No que diz respeito à morfologia, assim como as línguas orais possuem um sistema de análise da estrutura, formação e classificação das palavras, a língua de sinais também o possui. Ela é uma língua sintética, ou seja, não tem artigos, preposições nem marcação de gênero, a não ser que essa informação seja relevante. Quanto à flexão dos verbos, o tempo é indicado pelos sinais PASSADO, FUTURO e PRESENTE, bem como por ONTEM, HOJE e AMANHÃ. Por exemplo, a palavra ESTUDARÁ é indicada pelos sinais ESTUDAR FUTURO/ FUTURO ESTUDAR ou ESTUDAR AMANHÃ / AMANHÃ ESTUDAR.

Isso não significa que essa língua seja pobre, porque assim como qualquer língua em uso, ela tem mecanismos para criar ou gerar palavras para qualquer conceito que vier a fazer parte da comunidade que a usa. Essas palavras podem ser formadas, por exemplo, por composição, juntando-se os sinais CASA + ESTUDAR, forma-se a palavra ou sinal ESCOLA.

Um outro aspecto relevante em Libras é a sintaxe espacial, diferente das línguas orais, o espaço em que são realizados os sinais, o uso do pronome numa localização particular, um classificador, são fundamentais para as relações sintáticas. Por exemplo, quando os referentes estão presentes no espaço em que a enunciação se realiza, o enunciador pode indicar as

pessoas do discurso apontando para cada uma respectivamente. Mas se os referentes não estiverem presentes na situação de enunciação serão estabelecidos pontos abstratos no espaço.

E o que dizer da ordem da oração em Libras? Existem várias possibilidades de ordenação: sujeito-verbo-objeto, como: HOMEM - ROUBAR - DINHEIRO; objeto-sujeito-verbo: DINHEIRO - HOMEM - ROUBAR e ainda: sujeito-objeto-verbo: HOMEM - DINHEIRO - ROUBAR, muitas vezes, a ordem da oração, depende do foco. Também nas interrogativas, geralmente, o elemento interrogativo aparece no final: VOCÊ PAGAR O QUÊ? ou pode aparecer duplicado: O QUE VOCÊ PAGAR, O QUÊ?

E ainda, podemos mencionar as marcas não-manuais, a exemplo da expressão facial que pode determinar se a frase é interrogativa ou declarativa: JOÃO PAGAR ROUPA, a depender da expressão facial, pode significar uma declaração afirmativa, que João pagou a roupa, como uma interrogação: João pagou a roupa?

Como é possível observar, são muitas as características e peculiaridades da LIBRAS, sem mencionar a semântica e a pragmática que perpassam por todos os aspectos acima mencionados. Além disso, sabemos que muito mais ainda precisa ser investigado a fim de confirmar e ampliar os estudos existentes. Isso realmente é uma necessidade que urge e tem apoio na legislação brasileira.

## Referências

- BRITO, L. *Por uma gramática de línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- LEGISLAÇÃO DE LIBRAS. *Linguagem Brasileira de Sinais*. Disponível em: <[www.libras.org.br](http://www.libras.org.br)>.
- QUADROS, R. M. *Educação de surdos: aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artes Medicas, 1997.
- \_\_\_\_\_. A expressividade na língua de sinais. In: STROBEL, K. (Org.). *Surdez - Abordagem Geral*. Curitiba: APTA/FENEIS, 1995.
- RABELO, A. S. *A construção da escrita pelo surdo*. Goiânia: Ed. da UCG, 2001.
- SALLES, Heloisa. M. Moreira et al. *Ensino de língua portuguesa para surdos*. Brasília: MEC/SEESP, 2004.
- SOARES, Maria Aparecida Leite. *A Educação do Surdo no Brasil*. São Paulo: EDUSF; Editora Autores Associados, 1999.